



D. MANUEL DE BRAGANÇA E SUA ESPOSA — (Cliché Franz Grainer)

II Série—N.º 396

## Ilustração Portuguesa

Lisboa, 22 de Setembro de 1913

DIRETOR E PROPRIETÁRIO J. J. DA SILVA GRAÇA  
EDITOR: JOSÉ JOUBERT CHAVES

EDIÇÃO SEMANAL DO JORNAL O SECULO

Assinatura para Portugal, colonias portuguesas e Hespanha:

Redação, administração, offic. de composição e impressão  
RUA DO SECULO, 43



Numero avulso.... 10 cent.

Trimestre, 1820 cent.

Ano..... 4850 cent.

Semestre..... 2840 ..



# Ferreira Costa & Comp.<sup>a</sup>

RUA 15 NOVEMBRO

Em frente á casa

(A. Mourão & Comp.<sup>a</sup>)

— **PARÁ** —

## J. P. Monteiro de Araujo

(ADVOGADO PORTUGUEZ)

EM

Belem - Pará

ESCRITORIO:

R. Manoel Barata, n.º 19

ENDEREÇO — CAIXA POSTAL N.º 743

PARÁ

ACEITA  
 PROCURAÇÕES  
 JUDICIAES  
 E  
 EXTRA-  
 JUDICIAES

## Perfumaria Balsemão

RUA DOS RETROZEIROS, 14.

Telephone 2777 LISBOA 24

**SABONETE DO CONGO**  
 = VICTOR VAISSIER

**Seda**  
**Suissa**  
 Franco de porte a domicilio.  
 Ultimas novidades em sedas para Vestidos e blusas bem como em veludos e pluches. Peça as nossas amostras franco.  
 Schweizer & Ca., Lucerne E 12  
 (Suissa)



**Cabelos fortes, abundantes limpos e sedosos,** CINCOENTA ANOS DE CREDITO BEM JUSTIFICADO PERMITE AFIRMAR QUE O

**Tonico Amarelo** com sello **Viteri** Preparado desde 1882 pela PHARMACIA BARRETO. — Suspense a queda do cabelo, promove o seu crescimento, dá-lhe flexibilidade e desengordura-o, facilitando o penteado das senhoras. **Regenera a cor primitiva.** Tira a caspa e limpa a cabeça de todas as substancias nocivas ao cabelo. Impede a calvice, conserva os frisados e ondeados. Não contém enxofre. **Frasco 700 réis** \*Para fóra de Lisboa mais 100 réis para porte e registo. **Deposito geral**

**VICENTE RIBEIRO & C.<sup>a</sup>** - 84, R. Panqueiros, 1.º - LISBOA

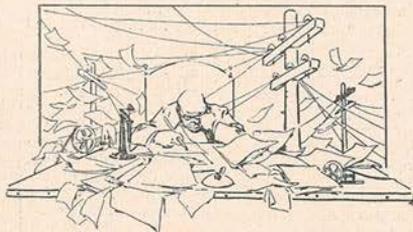
# ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA CRONICA

N.º 396

22-9-1913

## Gaffes:

Tem-se falado muito em *gaffes* reaes a propósito da ultima viagem do rei Constantino a Berlín. O rei da Grecia, ao receber das mãos de Guilherme II o bastão de feld-marchal, teve palavras excessivamente eloquentes, que desagradaram á França. E' natural que hoje, em França, ao levantar a Poincaré a sua taça doirada de *veuve Cliquot*, tenha palavras vivazes, que desagradem á Alema-



na. Entretanto, os ministros gregos Venizelos, Panas e Athos Romanos, também demasiadamente prolixos, vão dizendo á Alemanha, quando o rei está em França, e á França, quando ele está na Alemanha, que os povos não podem ser responsáveis pelas *gaffes* cometidas pelos seus reis. D'onde se conclue que o segredo d'aquella sobriedade atheniense, que caracterizou os jonicos do V seculo, já de ha muito se perdeu em Athenas,—e que os reis, como as crianças, não devem viajar sós.

## A fobia dos contactos:

Organisaram-se, em Portugal e no estrangeiro, ligas e sociedades varias contra o aperto de mão e contra o beijo. A proscricção d'estas duas coisas agradaveis, seria razoavel—se pudesse ser absoluta: abolir todos os contactos, como forma intuitiva de evitar todos os contagios. O homem isolar-se-ia do homem; o homem isolar-se-ia, designadamente, da mulher,—agente transmissor das mais terribes infeções. Portanto, o homem não se sociabilisaria,—e não se perpetuaria. E como

o perigo do contagio está, não só nos contactos directos entre pessoas, mas nos contactos indirectos por intermedio de objetos, alimentos, etc., — seria logicamente necessario abolir, não só os primeiros, mas tambem os segundos. E, por consequente, o homem, isolado das pessoas e das coisas,—morreria, asiticamente, de frio e de fome. D'onde se



conclue, pelo absurdo, que o ideal supremo das ligas contra o aperto de mão e contra o beijo, deveria ser, em ultima analise,—a vida dentro d'um autoclave e o suicidio universal pela esterilisação.

## Mulheres:

E' raro pegar-se hoje n'um jornal sem se encontrar a noticia de um crime de sensação. E' raro que esse crime não seja um crime de assassinio. E' raro ainda que esse assassinio não seja o de uma mulher. Vitima habitual de todos os crimes passionaes, a pobre Eva está pagando caro o pomo d'ouro da Tentação, com que a figuravam os velhos icones bisantinos. Felizmente, as ultimas estatisticas demograficas veem tranquilisar-nos. Dizem-nos que a população aumentou, que os analfabetos diminuíram, e que Portugal é precisamente o paiz da Europa onde a per-



centagem de mulheres é mais elevada:—110 mulheres e meia para cada 100 homens. Ainda bem. Podemos dormir descansados. Chegamos-nos para aquelas que matamos,—e ainda sobram.

## Livros:

O bom jornalista é sempre, essencialmente, um homem de letras. Ele deve ter o instinto, como dizia Nodier, não só *«de l'article à faire, mais de l'article à ne pas faire»*; ele deve, acima de tudo, possuir essa nitidez de expressão, esse poder impressivo e synthetico, essa arte flagrante de narrar, de comover e de co-



mentar,—que são, afinal, as mais nobres qualidades do escritor. Pensava isto ao reler ontem o ultimo livro do dr. Brito Camacho—pequeno livro d'um grande jornalista, em cujas paginas cheias de movimento, poderosas de synthese, falhantes de espirito,—está o germen d'um novelista admiravel, que a politica, para sempre talvez, sacrificou.

JULIO DANTAS.

Ilustrações de Hipolito Collomb.



Estavam os dois no eido, às dez horas, já regressados da missa e merendados, quando ela lhe disse:

—Se tu quizeses, João, amanhava uns bolinhos —que tenho ali bacalhau demolido— e iamos por aí fóra até à romaria da Senhora da Madre de Deus...

Ele calou-se, com o cigarro brejeiro caído no beico e os olhos claros, quasi cinzentos, postos lá longe, no pinheiral. Cantava-lhe bem ao bicho do ouvido aquela mus ca, e por isso deixava-a desafiar, prolongar-se...

—Pois era isso... Se tu quizesesses... Levavam-se os bolinhos, para beber uma pinga, e iamos por lá fóra, do nosso vagar... Olha: até tu podias levar a cabaça, com uma pinga de agua-pé, p'ra se não fazer despeza, não?... Que dizes?...

E ele, voltando-se, respondeu desabrido, com modos de quem se sentia contrariado.

—Não vamos lá nada. Juízo, juízo, mas é o que é. Isso é lá p'ra gente nova. Ir agora uma pessoa fazer despeza com uma romaria d'aquelas... Tu órastes, ou deu o diabo contigo.

E ela assustada e descançando as mãos sobre o ventre raso de velhinha, enristeceu e poz-se a chamar para a horta, com a voz toda estremeçada, as galinhas da postura, que lhe andavam por fóra.

Fez-se então um justificado silêncio entre os dois no eido. As galinhas vinham correndo, como se as esperasse, pelo menos, uma joieira de milho amarelo. Os olhos d'ela voltaram-se outra vez para traz, para onde ele estava. E em seguida, cada vez mais triste, a sr.<sup>a</sup> Custodia entrou em casa.

—Ir agora d'aquí à Madre de Deus... tornava ele. Mas então, ao voltar-se, viu com estranheza que ela tinha desaparecido.

—Raio!... Corjat... E' tudo assim. Corjat...

Porque motivo se revoltava ele, se não iam, se a mulher se calára, se ele, em suma, podia continuar ali, quieto e sentado n'aquela pedra, a fumar, gosando o longe com mansidão?...

Não era isso. O que ele queria era precisamente o contrario: era que a mulher tivesse insistido, pedido, e que afinal, condescendendo, abalasses os dois para a romaria—no ar de quem lhe havia prestado um grande serviço.

Porque a ele, verdade, verdade, também lhe agradava partir. Que diabo se fazia na aldeia, em tarde de domingo? Soltar as aguas? Um visinho lh'as soltaria; e de mais podia ser, mesmo, que ainda voltassem a tempo e horas, pela noitinha, antes das oito...

—Que diabo!... Eu devia ter...

E levantou-se, foi passear pela horta, assobiando com uma incerteza muito singular, de olhos volta e meia atirados lá para cima, para a porta da cosinha. Estava nervoso, impaciente; não sabia bem porque, mas era certo que o estava. Não tivesse ele sido tolo. Agora... E poz-se a cortar umas pontas de salsa, do pote, que estava empoada do sol. Mais adeaz-te, depois de escolher as folhas traçadas da form'ga, mergulhou-as na

agua limpida que vinha ondeando da bica, e bateu-as, com caridade, na cantareira do tanque. Era um ramo fresco e cheiroso. Voltou. Porém, já proximo da porta da cosinha, ergueu o chapéu, parou e coçou na corôa... Ah!... a segunda meninice!... Aquilo custava-lhe!... Mas, decidindo-se, sempre bandeou a barriga, sacudiu os hombros por duas vezes, dizendo para dentro, de costas voltadas e como por favor...

—Se tens de fazer os bolinhos... péga lá... e olha que são horas...

A mulher, aproximando-se a sorrir e de olhos baixos—como quem tinha compreendido—tomou a salsa e caminhou outra vez para a cosinha.

Ao meio dia vinham os dois de Lustosa, a pé, pela estrada real. Que inquieta curiosidade a d'ele, olhando os campos! Ela, atraz e caminhando com ritmo, levava a taleiguiinha do farnel equilibrada sob o lenço roxo, na cabeça; ele ia seguindo, deanteiro, de vara de freixo na mão, volta e meia a monologar para as arvores, como quem as visitava.

—Estaes rijitas, estaes!... Aquela é que não... Se fosse minha apanhava-me uma podada de dois palmos... Lá alto... no alto, principalmente...

E continuava a agitar com o balaço do braço a vara comprida de freixo, caminhando muito entretido e a bater, com os sapatos de bezerro branco, a poeira espessa da estrada, que se arrostolhava, seguindo-o sempre.

—Pois estaes rijitas, estaes, louvado Deus!... Boa flor e boas varas!

Depois, ao fim de um longo golpe inclinado de estrada, desapareceram os marcos e começaram espreitando, por sobre a massa verde e florida das arvores, os primeiros telhados vermelhos. Tinham lhe dado bem. O sol descia para tres quartos da barra, cheio de força e esplendor. Do parapeito de algumas janelas, mulheres gordas, ainda desapertadas sobre o jantar, gastavam a sesta olhando quem passava. Sob a copa enorme de uma carvalho, na sombra azulada e quente, um circulo garrido de creanças cantava, n'uma dança de roda. Vinham uns moços do campo saindo de uma mercearia, em algazarra, com uma viola de arame erguida entre todos. E ali, mexendo no bolso perdido do colete desabotoado, o sr. João aproveitou, saltando dentro, para comprar cigarros, dos *Almi antes*, dos seus.

Os moços abalaram então, com a viola, cantando ao desaho.

—Raça de *paliitos*!... Não ha governos...

—Que foi?—perguntou a sr.<sup>a</sup> Custodia, aproximando-se.

—Nada. Falo cá. A respeito de tabaco... é isto que se vê...

E logo continuaram caminhando, metendo o pé na cidade a direito, sob o sol de fogo, em direcção à romaria.





— Caspité, que sol! Tem-me mão n'essa vara para eu tirar a jaqueta. Uf!... Parece na martinhada!...— e continuaram.

Quando chegaram ao lugar do Cano, o sr. João levava as estopinhas a arderem-lhe, como ferro em brasa, sobre os rins; pelas suissas tuçadas, que pareciam cobertas da poeira alta dos caminhos andados, corria-lhe um grosso fio de suor, cujo esforço e ansiedade o avermelhavam todo; o seu lenço de renda,

porventura o melhor que continha a arca velha do casal, rebicava-se-lhe em redor do colarinho, para beber uma a uma as gotas pesadas da suadeira; e já nem a vara de freixo bamboleava, de braço caído, a jaqueta a escorregar-lhe, e quasi exausto de forças!...

— Tonto feito, mulher. Lá a pé até á romaria é que eu não vou, nem que morra.

— Olha que são dois passos, João!...— esclareceu a sr.<sup>a</sup> Custódia, poisando o taleguinho junto ao tronco da carvalha onde o marido se encostára.

— Não que nem mais raça d'elles. Foi até aqui, e bonda.

E péz a mulher ao lado, quieta, enquanto escutava os pregoeiros barulhentos dos carros de carreira.

— Eh, povo! E' a tres vintens! Vae partir!

— Sim... Vae cantando... Tu has de vir vindo

— comentava o sr. João, todo encostado.

— A tres vintens!— e tocou a corneta violentamente.

Cndas de povo chegaram e passaram, consecutivas, durante o bom espaço de meia hora.

— Era melhor irmos a pé...— voltou a sr.<sup>a</sup> Custódia. A tanto tempo!...

Chegou então uma nova diligencia, quasi repleta, ao lado do qual cortaram dois landaus com caixeiro-las boças, da cidade, fumando grandes charutos e vestindo fatos verdes e c'nr de pombo.

— Ha tres logares. A pataco. O' homensinho?...

— Agora é que é!— bradou o sr. João, entregando o taleigo á mulher.

E subiram os dois. Ela péz a chinelinha de couro roxo na pata do carro, e fez baloço com as anquinhãs secas, a desenharem-se-lhe na saia escura e corrida; o sr. João, com a vara entalada pelo so-vaco, lançou as mãos aos varões de ferro, de modo a fazer abalar o carro, e entrou. Fóra iam umas moças cantadeiras. E quando a diligencia começou a cortar pelo Cano fóra, entre as doceiras e o povo que esperava sob as carvalhas, logo *uma moda* se ouviu, longa e alegre, de fazer voar a diligencia:

*Senhora da Madre-Deus,  
hei-de-te mandar dowiar,  
hei-de dar-te um sino novo,  
na torre, visado ao ar!*

A sr.<sup>a</sup> Custódia, quando a *moda* acabou, sorriu para o seu João.

— Etão não foi bom a gente vir?!

— Sim, sim... E' lá uma coisa que tu sabes...

— Tolo...— replicou, acotovelando-o.

E logo as moças voltaram:

*Eu quero um rapaz solteiro,  
ti adinho das canelas;  
um rapaz que entre as moças  
me tre do meio d'elas!*

*Senhora da Madre-Deus  
tem um tear d' janela,  
dá-lhe o vento, dá-lhe a chuva,  
todo o fado se quebra.*

E assim a diligencia passou para cima do roseiral alegríssimo do «Touqueiro», baloçando os frezues como barca em mar desordenado.

A' boca da romaria era uma esturdia vistosa o movimento do povo. Em curvas sinuosas de maré inquieta, a arraia popular ondulava e gritava. O proprio sr. João, vendo um grupo que passava a dançar, indicou á mulher, bem ao contrario do seu costume, sacudindo a vestia da poeira da caminhada:

— Olha-me isto, Custódia! Danças na Senhora da Madre-Deus!... Boa vae ela!

E rodaram.

N'este instante encontraram-se dois amigos.

— Viva o sr. João da Neiva!

Era um lavrador corpulento e sadio, de duras suissas pretas, quizenza c'nr de pinhão a deslizar-lhe sobre o braço e pau de marmelo, seguro, adeantado em grande attitude de lança.

O sr. João apertou-lhe a dextra aspera e pesada; e ao lado, contentes, as duas familias cumprimentaram-se.

— Então, Domingos?... Vistes o homem?...— e empiscou-lhe, malicioso.

— Ha-o ahi, que é fazenda. Estive lá agora, com a familia. Trouxe cá as raparigas... E' no Lourenço, sr. João.

— E que tal?... Tu...

— A trinta. E' uma pinga de estalo!

Os casados de Lustosa e o amigo Domingos, todos resolvidos a seguirem, mesuraram-se; e João da Neiva, rompendo logo á frente da velha, foi direito como um foguete ao tascos do Lourenço.

Nos campos proximos, na romaria, familias alegres, açapadas nos restolhos do mato, merendavam em frente da toalha estendida e aseada, com a salada de alface, azeitonas e o cabrito tenro de esse tempo pagão da pascoela. Alegradas pelos repiques e canções, creadas da cidade, nas tascas, bradavam por vinho, á caneca, para a taina dos aros. No adro, cimeiro do arraial, a musica dos *Conceições* trauteava as melodias do *Barba Azul*, com os «partidarios» fazendo cerco, enquanto o povo, em baixo, ondeava e cantava.

E em frente e em cima, voltado ao escadorio da capela e sentado á varanda de ferro, ao lado da madama penteada á italiana, de largos pentes de tartaruga no t'cco, pelos desenhos de 1860, o Meireles brasileiro, com um olho sempre descom'ado, do strabismo, alargava o guarda-pó na barriga e expelia o fumo turvo do seu cigarro brejeiro

Então, João da Neiva, no Lourenço, com a caneca ao lado e um pão de quartos a abri-se-lhe entre as duas mãos trigueiras e fortes, foi dizendo á mulher, com um ar menos seco e sincero, a sorrir-se:

— Abre lá isso, que são horas. Que trazes tu ahi?





—O' homem!— exclamou ela, metendo a mão no saquitol de chita.— São os bolinhos e umas azeitoninhas miúdas... Pois o que houvera de ser?... —Má fazenda, p'ra pinga— comentou o sr. João, pondo-lhe o trigo na aba.— Mas espera... O melhor é beber primeiro, para fazer o sete às azeitonas.

E desatou a emborcar a caneca.

—Vê lá, João...

Em goladas largas, as suíças agitavam-se-lhe, compassadamente, com o quem experimentava o folego no toque de um instrumento.



—Ah!...— exclamou, limpando os beiços.— Bom golo! Alto lá com ele!—E pôz-se, de olhos no ar, a bater a língua contra o céu da boca.— Bem disse o Domingos! A trinta, mulher!...

—Oh, homem!... Tu bebeste-lo todo!...

—Foi para lhe fazer as honras—e arrotou, regalado.— Venha uma azeitona.

Começou então a merenda—que durou até que a vela de cebo do tasco, n'um lampeão, começou a alumiar, c'ôr de ouro, melada e frouxa.

Ora quando saíram do tasco do Lourenço já meio largo estava despovoado, e doceiras com as cangalhas enfiadas no braço subiam à cabeça das crenadas o taboleiro longo e atalhado. Com ternura—e porque não direi com saudade?...—os sinos da Senhora trinavam o ultimo repique, em surdina, quasi impercíveis. Uma viola zurraba junto ao carro atravancado na calçada, onde uma luz de tocha, de um tom baço e monotonico, iluminava meia face de um grande rancho de raparigas. E no alto, então, como torturadas no expirar d'aquella sua unica alegria em cada ano, as janelas do Meireles cerravam-se, brancas na fachada dura e lisa, sobre que já se esboçava um lindo luar violeta, cheiroso de cidras...

João da Neiva, então, enpurrou a mulher á estrada.

—Roda forte!...

João da Neiva, sr.<sup>a</sup> Custodia... quem o havia de dizer!...

Tortos como dois barcos sem governo, vogando á t'a, ora se deixavam correr para as valetas, ora estacavam, subito, a meio da estrada, invetivando de rijo as sombras projetadas dos carvalhos verdes e tortos,

—Quem fala ahí?—interrogava ele, resolutamente, flocando a vara de freixo, com o peito alevantado. Quem? Diga quem é. Pois então!...

E ela, a rir-se, tomando as saías pelas margens e recuando em pé de dança, desgarrava em false-te, bebedinha de todo:

O' meu rico, rico, rico,  
O' meu rico S. João...

Dera-lhes o vinho na fraqueza, coitados!...Tendo andado duas leguas das puxadas, sob o sol e apenas com o caldo verde do jantar matutino, o vinho caldeara-lhes no estomago, sobre os bolinhos de bacalhau, como oceano inquieto a baldear pedaços de cortiça.

—E de resto, que tem você que me diga, hein?... Que?... Diga, homem, diga, diga tudo. Bruto, grandissimo bruto!... E' o que você é—um bruto!... Pois então!...

E o éco repetia, ao longe, sob um tumulto inverosimil de palavras:

—...um bruto... Pois então!...

Na manhã seguinte, pelo abrir do sol, João da Neiva dormia estendido sobre um passeio, na cidade, com as costelas partidas e uma brecha no sobrolho, de se haver esbarrado, com o vinho, na

estrada, de encontro ao casco de um carvalho.

Ao lado esperava, sentada, a sr.<sup>a</sup> Custodia, ansiosa porque ele despertasse, para, quanto antes, abalarem para casa, á sua vida...

—Valha-me o Senhor!...—suspirava. Mas logo, vendo que o marido se espreguiçava e corria a mão grossa, na face humida de sangue, curvou-se, a rogar:—Ergue-te, João... Valha-te o Senhor!... Que vergonha!...

—O quê?...—interrogou o Neiva, confuso e com o estomago n'um trapo.

—Que te ergas, homem. Vem ahí o povo da missa!...

—Stimo!— respondeu, deixando-se abalar de novo, na lage.

Mas de repente, fitando com estranheza a palma avermelhada da mão, João da Neiva ergueu-se, e com a boca seca, a custo, invetivou:

—E quem lhe mandou a você estar cá com historias, a pintar-me a cura de vermelho?!...

ALFREDO GUIMARÃES.





## Resignação

O nosso amor morreu! E eu que julgava  
que ele durasse toda a minha vida!  
E só agora sei, minha querida,  
Como arrefece a mais ardente lava.

Da triste indiferença que o esperava  
Fugiu, talvez buscando outra guardida,  
Como foge a gaivota espavorida  
Do turvo mar que o vento agita e cava.

Abraça-te comigo n'esta hora!  
E, pensando nos dias magoados  
Que ele nos deu e n'esta paz de agora,

Choremos, sim! mas calmos, resignados,  
Como se chora a morte redentora  
Dos que na vida foram desgraçados!

GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA.

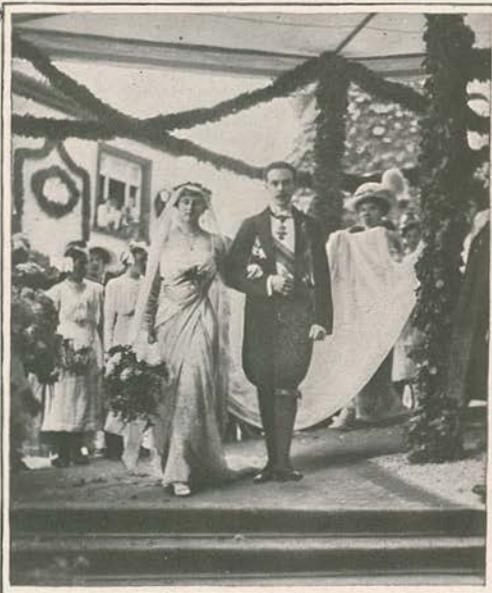
(Soneto classificado no concurso da ILUS-  
TRAÇÃO PORTUGUEZA)

STUART

## O casamento de D. Manuel de Bragança

Depois da cerimonia do casamento de D. Manuel os noivos saíram para o castello d'Ulm onde foram passar a lua de mel.

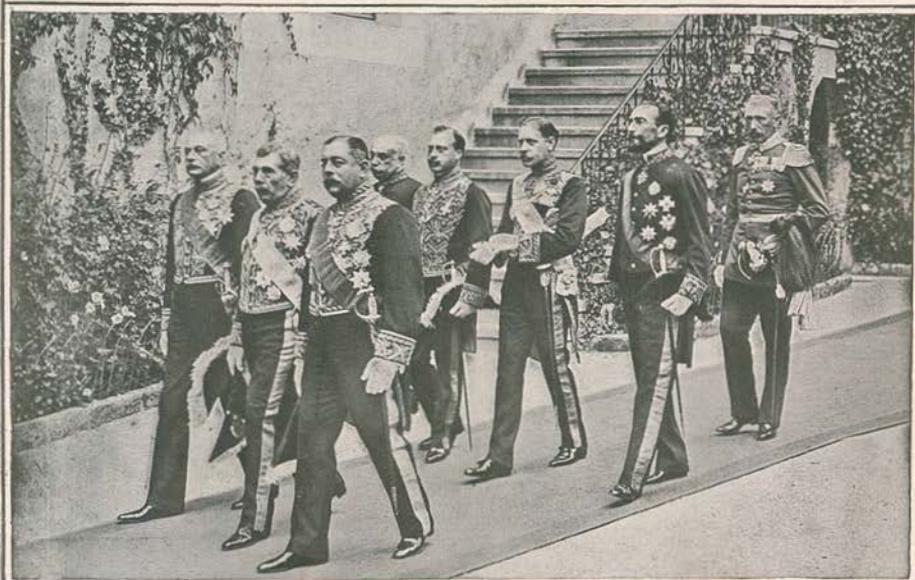
Os fidalgos portugueses que assistiram ao consorcio, occupando no cortejo os seus antigos cargos da corte, foram os srs. conde de Sabugosa, mordomo-mór; marquez de Fayal, conde de Tarouca, visconde de



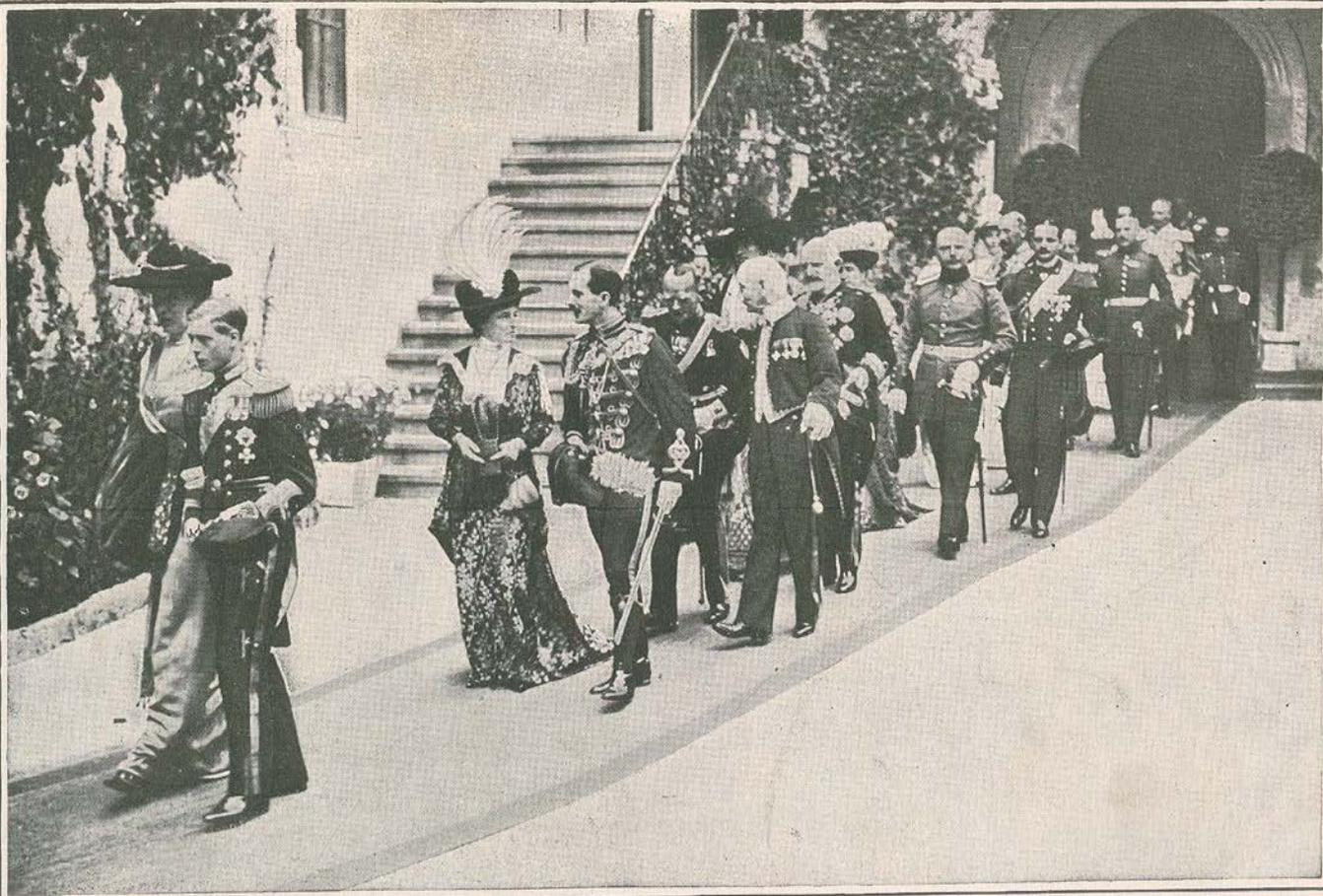
Asseca, officiaes môres e marquez de Lavradio secretario do ex-rei D. Manuel de Bragança.

A sr.<sup>a</sup> marquez de Faial occupou o logar de camareira môr sendo de honor da princeza Augusta Vitoria de Hohenzollern as sr.<sup>as</sup> condessa de Sabugosa, marquez de Lavradio e viscondessa de Asseca.

O casamento de D. Manuel: Os noivos á saída da igreja—(Clichés Niederastroth, enviados por mr. Charles Trampus)



Os dignitarios portuguezes na cerimonia: A' frente srs. marquez de Faial, condes de Sabugosa e Tarouca, na segunda fila, srs. marquez de Lavradio, secretario de D. Manuel, Salvador A-seca, Camelo Lamprela, antigo ministro de Portugal no Brazil, sr. D. Antonio de Lencastre, antigo medico palatino.



No casamento de D. Manuel de Bragança em Sigmaringen: O príncipe de Gales, a duquesa de Aosta, o duque de Genova e outros personagens.—(Cliché Chasseau Flaviens)



1

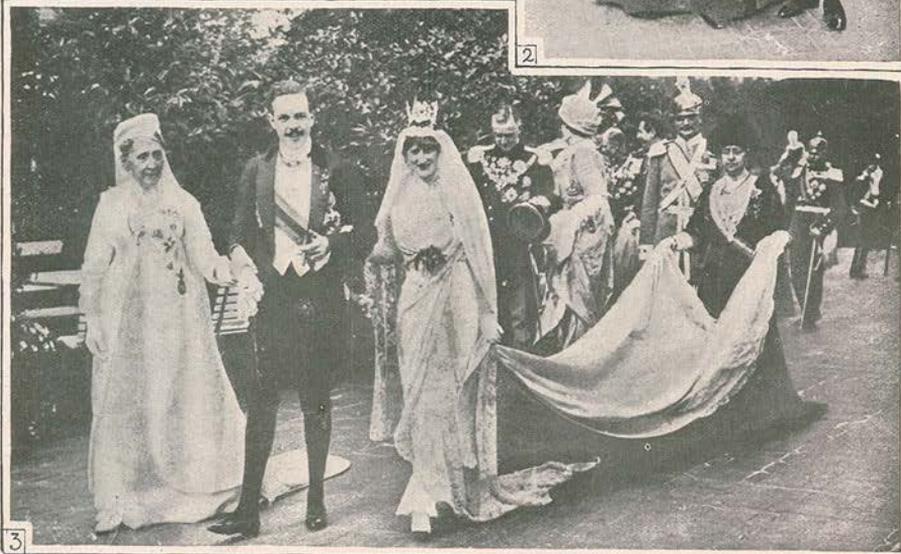
1. O abade Bossard Maria Eisiedelu, que proferiu a alocução na cerimonia do casamento, a caminho da igreja

2. D. Manuel de Bragança e o cardeal Neto ex-patriarca de Lisboa, depois da cerimonia

2. Os noivos com a gran-duqueza de Bade, estando a segurar a cauda do vestido da princeza Augusta Victoria a sr.<sup>a</sup> marqueza do Faial sua camareira mór



2



3

# Digressão Artística

Ha dias uma revista ingleza — a «Great Thoughts» — falava de Alberto de Souza emoldurando uma das suas aguarelas, a Ponte d'Alcacer, em Montemor-o-Novo. Da parte d'um jornal estrangeiro e para demais d'Inglaterra — onde se trata com esmeros delicados a aguarela — a homenagem era bastante significativa.

Recaía porém sobre um artista consciencioso que tem vindo passo a passo a amar a sua arte esse trecho da «Great Thoughts»; enaltecia um homem que trabalha dia a dia a manter-se da sua obra, conseguindo enfim os seus desejos d'outr'ora.

Portugal já sustenta os seus maiores artistas do quadro e da escultura, mais felizes que os do livro e os do teatro de arte



decaído, arruinado n'esta patria da revista do ano, e Alberto de Souza conseguiu enfileirar-se entre aqueles que o publico aplaude e estima. As suas exposições estão pouco



1. Mirandesa—A Catita. Diligência de Valpassos—Largo de S. Vicente em Bragança

tempo abertas. Em frente das aguarelas passa uma serie de admiradores que as compra logo e tem pressa em levar para os seus cantinhos esses trechos da paisagem portugueza, essas figuras caracteristicas,

essas silhuetas flagrantes que o aguarelista se compraz em deixar nitidamente marcadas para o futuro.

Teve durante os seus primeiros trabalhos o processo que aperfeiçoado pouco a pouco o consagrou hoje da forma mais evidente: a procura da sua obra por parte dos amadores.

O artigo da revista inglesa veio exactamente encontrar o artista em plena digressão pela provincia no verão em que os outros descansam e em que ele trinta dias a fio, com uma inabalavel fé, correu alguns dos pontos mais pitorescos do paiz a fazer os seus apontamentos cheios d'encanto.

Traçou á larga a paisagem soube vel-a e soube reproduzi-la e tão bem, por vezes, que os olhos se demoram, satisfeitos, a sentila como n'esse quadrinho precioso dos *Amieiros e Ne grilhos* que tem o tom cantante e alegre da agua e da verdura, um fundo forte de folhas, um plano glauco e fresco de riacho onde redemoinha a roda grande d'uma azenha campesina.

Interessou-o, vê-se, esse trecho que é lindo e é fortemente impressionante como se prendeu, vê-se, aqui e ali nos sitios onde a terra, o

ambiente, as cousas da paisagem falavam, onde o ligava a força da tradição.

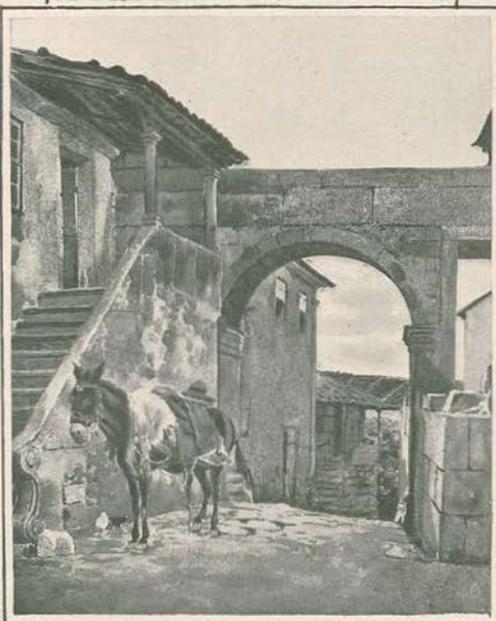
Em Lamego, Salzedas, S. João de Tarouca pintou as casas portuguezas e a paisagem, procurou o motivo

emocional que vem d'um aspeto e que parece falar a certas almas.

E' um pequenino nada em que os artistas repararam mas logo sentido ao ser dada ao publico essa nota emocional. E' por exemplo, no topo d'uma escarpa a ruina vetusta d'um pardiouro ou d'um castelo; na volta d'um caminho uma cruz ou um banco á sombra d'uma arvore isolada.

A imaginação trabalha e evoca-se então o que se tem passado no casebre deruido, quantos corações palpitarão em torno da meza da familia junto da lareira de que se vê ainda o vestigio, ou quantos dramas extranhos se deram dentro d'aquelas farruscadas pedras do castelo em cujas ruinas parecem ainda surgir vultos. Relembra-se com uma saudade de cousas que não vimos, mas que se passaram e nos chocam, quantas recordações n'aquela cruz ou quantos beijos d'amor na sombra d'aquela arvore.

Assim como as casas tem a sua fisionomia assim as cousas irradiam de si o que formou a sua legenda ou o que fez parte da sua vida. De ante d'elas um artista não se engana. Tem o instinto de as fixar com as tintas



1. Torre da igreja de S. Pedro—2. Lordeio. Solar dos Tavoras



Mirandela: Ribeira de Carvalhaes. Amieiros e negrilhos.

ou de as tornar sentidas nas paginas d'um livro.

Pois todas essas torres, casebres, trechos de paisagem, cruzeiros, *almi-nhas*, castelos e solares, que a obra do aguarelista revela, trazem e transmitem as notas impressionantes do que foram no seu passado. Ele teve o instinto d'uma maneira bem expressiva como diante dos muros negros do castelo da Ocanha que trazem um perfume de legenda d'Egas Moniz — o do barão — e dos irmãos D. Theodor e D. Rautendo d'esse sertanejo burguês da Cucanha. Ressuma le-

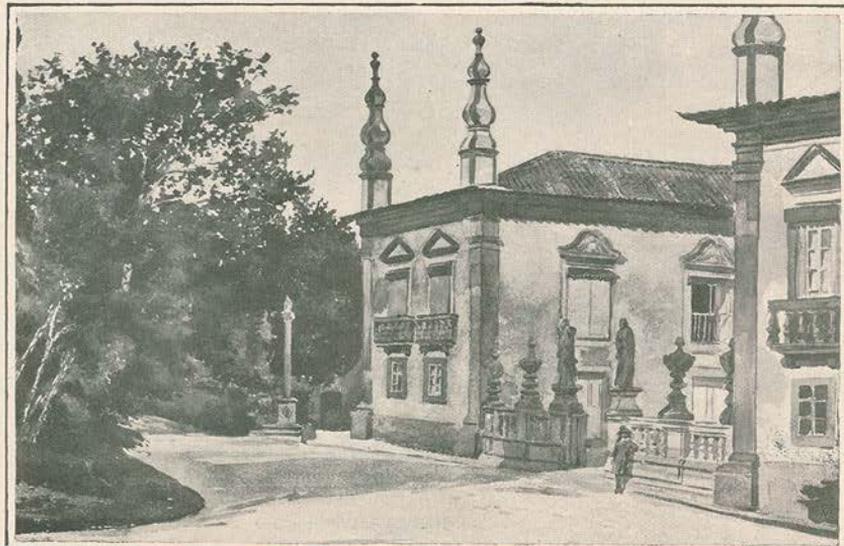


A Ribeira do Porto.

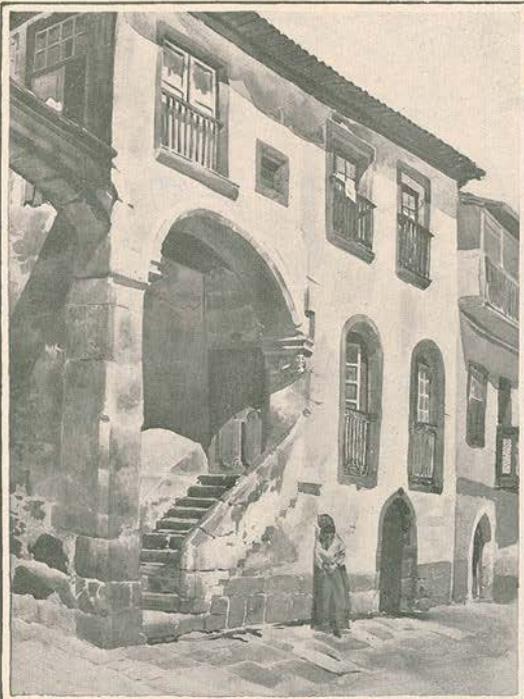
genda o velho castelo que a aguarela representa.

D'aí marchou o artista para Traz-os-Montes onde ainda foi encontrar evocações camilianas nas casas, nos castros, nas figuras que ele se compraz em definir e apontar com amor.

Assim, enquanto pintava n'uma aldeia as suas casas pitorescas, depois de se impressionar com as vistas largas do Marão legendario lembrando a Terra Negra infestada ha vinte anos por bandidos, era acolhido por um sabio e douto abade cujos trabalhos d'arqueologia teem



Solar de Mateus. Vila Real.



A casa de Vila Real onde nasceu Diogo Cão

fama no estrangeiro mais que entre nós.

Não vive porém tão amorosamente ligado ás suas pedras vestustas, o santo homem, que não tenha todos os dias na sua mesa farta os frangos loiros e as travessas largas d'arroz morgado, os picheis onde o verdasco espuma, a terrina branca onde o caldo fumeja enquanto ele n'um habito abençoá a refeição.

Parece saído d'uma pagina de novela camiliana o bom abade que por aqueles campos procura nas excavações legendas e velhos vasos, vestígios de passados bem distantes. E para em tudo ser completo o velho—á semelhança dos que para viajarem faziam testamento—ao abalar um dia do seu presbiterio para o Porto tambem fez o seu, no qual falava dos seus teres e das suas amadas.

Abergou-se uns tempos na aldeia e conviveu com o arqueologo o artista, trazendo da sua estada ali admiraveis trechos de paisagem, notas salientes que são nos seus quadrinhos delicias e encantos. Cousa alguma lhe escapa e assim é tanto que

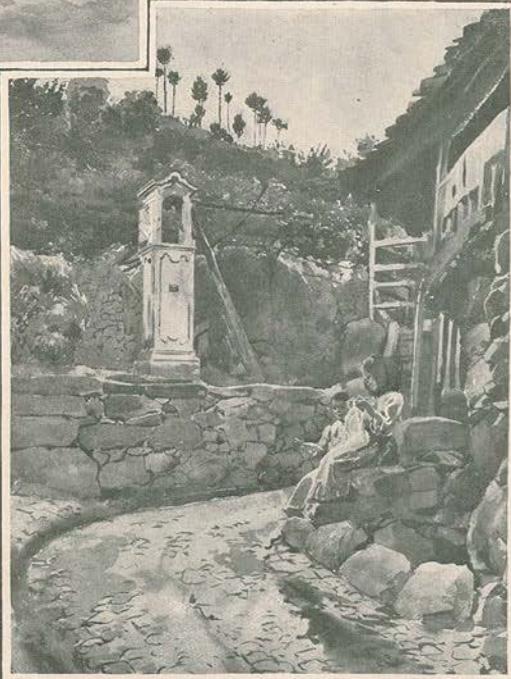
no ditici trabalho do bairro da Ribeira no Porto não deixa de surgir um espigão de telhado caracteristico, uma janela de rexas, um canto que parece evocar rixas de ribaldos por noites velhas, ha seculos, bocados que logo denotam o espirito de observação do artista obrigado a trabalhar ali entre a curiosidade alvar do povoleu e do rapazio que por toda o Portugal tem uma impressão bem singular do que é um aguarelista.

Obtem-se diante dos factos a certeza de que ha entre nós alguem mais popular que o maior dos nossos politicos, dos nossos actores, dos nossos revolucionarios. E' o Pathé.

Qual?! Perguntar-se-ha n'um pasmo mal se imaginando tratar-se do animatografo.

Pois é d'esse mesmo, popular nas mais pequenas aldeias, com o seu nome em todas decorado nas suas silabas resonantes. O povoleu ao vêr o aguarelista trabalhar insinuava entre si com gravidade:

—E' para o Pathé.



S. João do Tarouca



Oeanha. Torre do castelo à entrada da povoação

As ideias do povo sobre o cine e sobre a aguarela!

No entanto seria fácil com esse mesmo Pathé dar-lhe luzes, impressões nitidas das coisas em vez das cenas picarescas e seguidas do Cretineti ou do Max Linder. Cenas curiosas que dariam fitas viuas também por lá o artista como por exemplo ao evocar junto a um velho solar de Lordelo um romance do escritor tão seu querido.

Diante do autentico solar dos Tavoras, Alberto de Sousa, relembrou o *Anathema* de Camilo Castelo Branco, as paginas de tortura com que o romancista quasi iniciou a sua obra e nas quaes ha a sua amada paisagem transmontana e aquele solar onde ele fez prepassar Cristovão da Veiga, uma doce e adoravel figura de mulher e esse Tavora que vem alta noite remoendo rancores abrir aquela portada que lá se vê na aguarela fiel e evocadora como todas as outras cheias da alma portugueza.

Ainda por essas aldeias minusculas foi encontrar uma senhora casada com um parente do romancista e que lhe mostrou tres cartas da sua mão illustre.

Camilo foi relembrado pelo artista n'aquela paisagem dos seus livros em que ha sempre aqueles solares em pedras d'armas, os casebres desmantelados e essa riba do Marão ululante e terrivel com as suas tempestades e as suas velhas historias de lobos e assassinos foragidos.

Tambem ainda por lá encontrou o brasileiro de torna viagem que o roman-

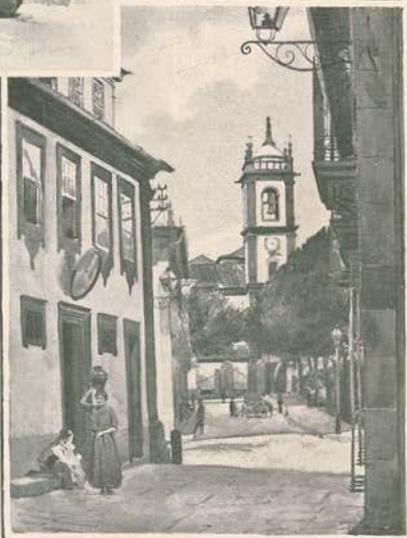
cista tanto se agradava em reproduzir e o humorista natural que faz as suas *boutades* n'um instinto e que é do mestre e tambem de Julio Diniz. Alberto de Souza quando acabou de narrar as suas impressões das terras, de falar das figuras, relembrou um episodio e um tipo assim.

Trata-se d'um rico que quando a esposa lhe pediu um automovel meditou se lh'o devia dar; depois aquilo foi sendo n'ela uma idéa n'ele uma resistencia mas como a mulher sempre vence, ele ao ceder, pensando no mau emprego dos seus escudos não se conteve e mandou escrever sobre a porta da «garage» este titulo do mais celebre livro de Camilo que é ainda uma ironia e uma condenação: «Amôr de perdição».

A diferença do tempo porém dá um ar comico ao que foi tragedia. Em vez d'um amôr que leva ao degredo, um que arrasta a comprar um Brazier.

Gargalhando as suas notas, mostrando os apontamentos dos seus albuns, trazendo d'essa viagem por terras portuguezas alguns genuinos trechos bem nacionaes, Alberto de Souza, arranjou n'um mez os trinta cartões com que abrirá a sua exposiçao no Porto, andou a trabalhar sem descanço enquanto n'uma justa paga o seu nome soava além fronteiras nas paginas da «Great Thoughts».

ECCHA MARTINS.



2. Mulher do Vila Real  
3. Rua da Camara. Vila Real

# SORTELHA

Foi vila, comarca e concelho, sendo hoje apenas freguezia. Está situada na Beira Baixa a 12 kilometros do Sabugal, 24 da Guarda, 275 a E. de Lisboa, 230 fogos. Em 1768 tinha 211.

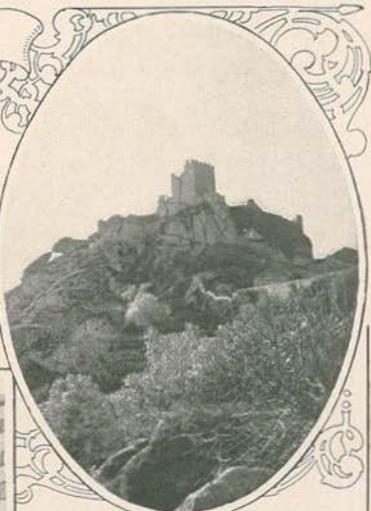
Bispado e distrito administrativo da Guarda.

E' uma povoação antiquissima. D. Sancho II deu-lhe foral sem data. O rei D. Manuel I, deu-lhe novo foral em Santarem, no 1.º de junho de 1510.

Foi cabeça de concelho do seu nome com 1300 fógos, sendo suprimido depois de 1834.

A vila está situada sobre um alto penhasco, e perto da origem do rio Cõa.

Foram seus alcaides-móres os barões de Quin-



O castelo



Costumes populares

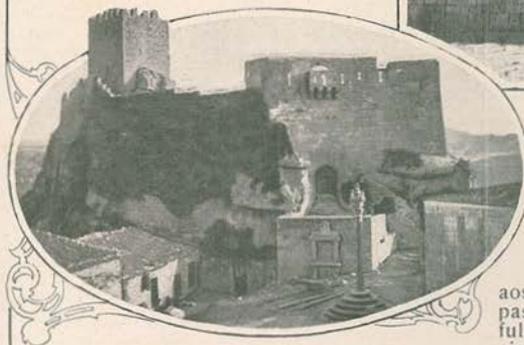
tela, depois condes de Farrôbo. Sortelha, é corrupção de sortêja, palavra castelhana, que significava anel. Também antigamente se dizia Sortêla.

Deu-se-lhe este nome porque as suas armas são um castelo com um anel. Antigamente era uma meia lua.

A posição d'esta vila, que é forte por natureza, o foi também por arte



A porta do castelo



Outros aspeto do castelo

bem dos romanos.) O territorio d'esta freguezia é fertil em todos os generos agricolas do paiz, cria muito gado, e ha abundante caça.

Os costumes do povo, a falta completa de estradas e de todo o conforto moderno, tudo nos transporta aos tempos medievaes, cuidando a cada passo cruzarmos com os guerreiros de fulgente couraça, que outr'ora guarneciam a altiva fortaleza.

J. M. DE SACADURA BOTTO CDRTE REAL.



O CASAMENTO DE D. MANUEL DE BRAGANÇA: No parque do castelo de Sigmaringen depois da cerimonia: No primeiro plano da esquerda para a direita: Sr.<sup>ta</sup> Gran duquesa viuva de Baden, D. Amelia d'Orleans, D. Manuel de Bragança e sua esposa, o principe de Hohenzollern, pae da noiva, o principe Frederico de Hohenzollern, irmão da noiva, cardinal Neto, o principe de Gales. Por detras de D. Manuel o principe Eitel da Prussia, filho do imperador Guilherme e seu representante, á sua esquerda o rei Frederico de Saxe a cuja esquerda fica o principe Carlos d'Espanha; por detras do cardinal Neto o duque de Montpensier. No ultimo plano do grupo dos principes, D. Afonso de Bragança fantasiado de oficial alemão. Ao fundo os dignitarios e outros convidados.

(Cliché Niederastroth, enviado por mr. Charles Trampus)

# Na linha ferrea de Guimarães

Por iniciativa do importante capitalista Constantino José Martins, proprietário da bela quinta da Palmeira, uma das maiores do Minho, que demora dois quilómetros de Santo Tirso, na linha ferrea de Guimarães, inaugurou-se ha dias dentro dos terrenos pertencentes á mesma quinta, um novo apeadeiro, que va e



1. Assistindo á passagem do comboio—2. No rio Ave: O sr. Constantino José Martins, sua esposa e filha e netos do engenheiro Vitorino Damasio

servir uma região importante pelo seu grande movimento industrial e agrícola.

Assistiram á inauguração o engenheiro José Vitorino Damasio, d. legado do governo, sr. Antonio Reis Porto, diretor da companhia e outras muitas pessoas, a quem depois foi servido um almoço magnifico na casa da Palmeira.



O primeiro combcio que chegou no apeadeiro



Grupo de convidados que assistiram ao almoço

E' mais um melhoramento a recomendar a pitoresca linha de Guimarães e que serve de



uma forma admirável ás pessoas das localidades intermédias.

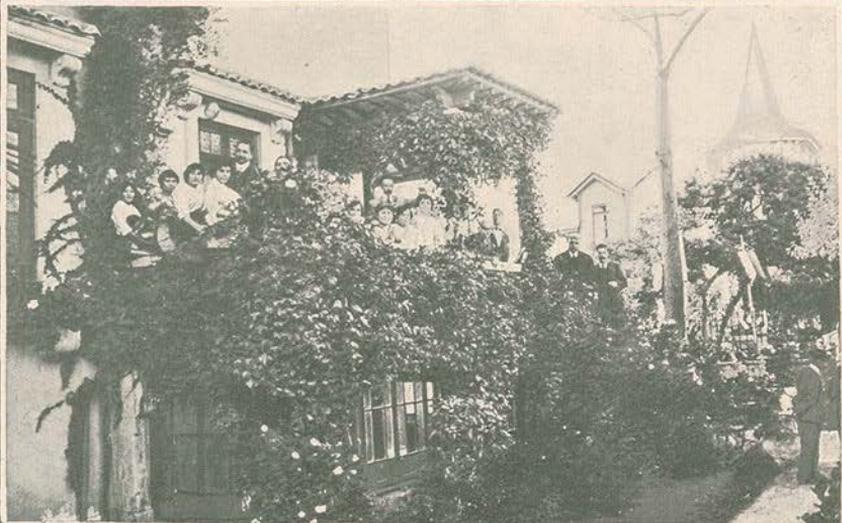


Outro aspéto da quinta.



Um trecho da quinta do sr. Constantino José Martins.  
(Cliché Alvaro Martins)

# SENHORA DA NAZARÉ



A família do sr. Jorge Correia e os convidados na varanda da Vila Palmeira

Esmorecidos um pouco nos primeiros tempos da Republica, as romarias, este ano, especialmente ao norte do paiz, reapareceram por toda a parte, com o seu cortejo de lenda, de tradição, de misticismo e de re-



A' espera do comboio



Nos jardins da vila Palmeira. Os membros da comissão e os convidados

ligiosidade, a que não é estranha a ideia utilitaria e pratica, visto que favorecem altamente os interesses das diversas povoações onde se realisam. Nos ultimos dias festejou-se, com pompa e solenidade, a Senhora da Nazaré, na ridente praia da Agúda, norte da Granja,

ali concorrendo numerosos forasteiros d'esta ultima praia, de Espinho, de Miramar, de Vallada-

sendo tambem inaugurado um sino de horas, que simultaneamente constituirá um sinal sonoro para



1. A familia do sportman Oliveira e Silva á janela da Assembleia—2. Comondo melancia

res, de Gaia, do Porto e d'outras povoações proximas.

Não faltou o costumado arraial, o fogo de artifício, as iluminações, musica, festa de igreja, etc.,

a navegação n'aquela parte da costa.

Foi esta a primeira romaria que se realisou na praia da Aguda.



Aspeto da romaria—(Cliche Alvaro Martins)



1. Nascente e Torre d'Alcábalque (Condeixa a Velha)—2 Arco romano de Bobadela, (Beira Alta)

Portugal é um paiz rico em restos monumentaes da epoca romana, e, sobre eles acaba de publicar o nosso distinto colaborador sr. dr. Antonio Mesquita de Figueiredo na Revista Arqueologica de Paris, de que é diretor o professor Salomão Reinach, do Instituto de França, sabio de reputação mundial, uma erudita memoria de subido valor científico.

A exemplo de Charles Diehl, «Excursions archeologiques en Grèce», de Gaston Boissier, «Promenades archeologiques», e, de Pierre Paris, «Promenades archeologiques en Espagne», o autor ao percorrer o nosso paiz estudou os valiosos e importantes monumentos que são objeto da sua



Sr. dr. Mesquita de Figueiredo

memoria, reunindo ao mesmo tempo toda a bibliografia dispersa que a cada um d'elles diz respeito.

Chaves, a Citania de Briteiros, Bobadela, Condeixa-a-Velha (Conimbriga), Nabancia, Manedores de Tomar, Alter do Chão, Troia de Setúbal, Evora, Beja, Mertola e Cossomola, Faro, cada uma d'estas localidades, são tratadas em capitulo especial. É um trabalho consciencioso, absolutamente desinteressado, e, eminentemente patriótico, visto contribuir bastante para tornar o nosso paiz conhecido

do no estrangeiro, debaixo do ponto de vista das nossas riquezas archeologicas da epoca romana, que os sabios estrangeiros virão por certo admirar.



4. Templo de Diana em Evora.—5. Cetobriga, em frente de Setúbal.



A saída do regimento de artilharia 7 do largo Alves Martins pela estrada de Mangualde seguindo para Alcaface onde teve a primeira etapa



O coronel Berreto, comandante do destacamento mixto e o seu ajudante de campo tenente Valdez de Passos e Sousa—Clichés do distinto fotógrafo amador sr. Monteiro Batalha

## Escolas de Repetição: EM ESCARIZ



Infantaria 6. A manipulação do rancho.



A contagem do pão—(Clichê da fotografia Luzo Brasileira, do Porto)

## ESCOLAS DE REPETIÇÃO: em Alter, Avintes e Elvas

Uma das partes mais interessantes das escolas de repetição é sem dúvida aquela em que figuram as brigadas mixtas e nas quaes a artilharia tem o seu papel distincto.

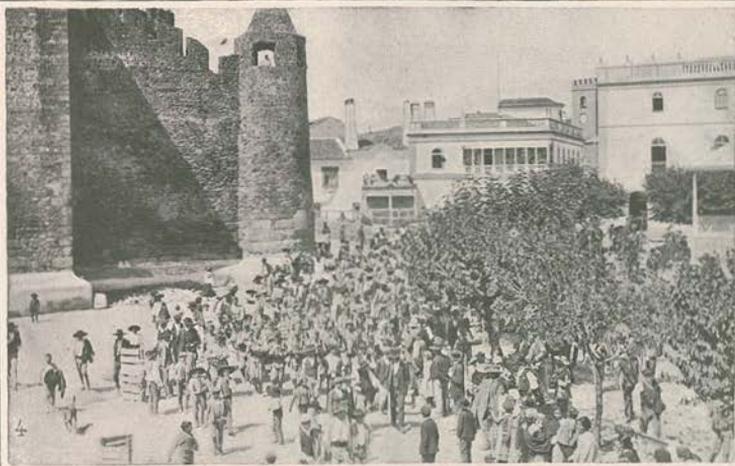
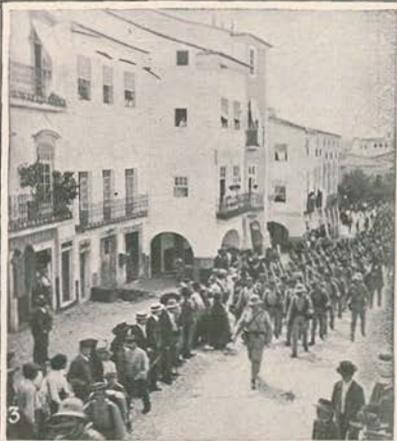
Porque os seus exercicios são difficeis e são vistosos, porque tem um grande aparato e pelo



A banda de infantaria 22, em Alter

papel importante que representa na guerra esta arma, não ha duvida que são das mais cuidadas as provas prestadas como ha pouco se demonstrou por todo o paiz onde a artilharia manobrou com verdadeira superioridade e mostrando as vantagens do novo metodo d'instrução.

trando as vantagens do novo metodo d'instrução.

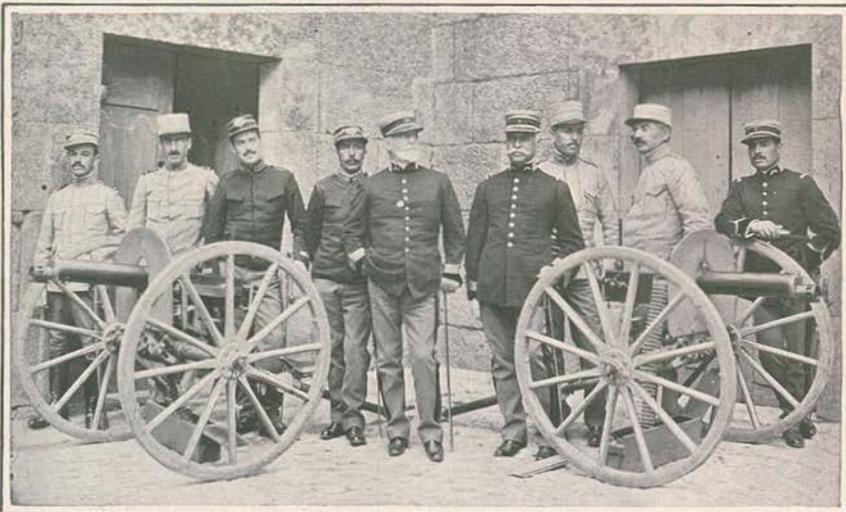


2. A artilharia da serra do Pilar passando em Avintes. (Cliché do distinto fotografo amador sr. Francisco Vianna).—3. A saída do 3.º batalhão de infantaria 23 d'Elvas. (Cliché do distinto fotografo amador sr. Graça Carriço).—4. O 1.º batalhão de infantaria 22 atravessando a vila d'Alter do Chão. (Cliché do distinto fotografo amador sr. Antonio Brazão)

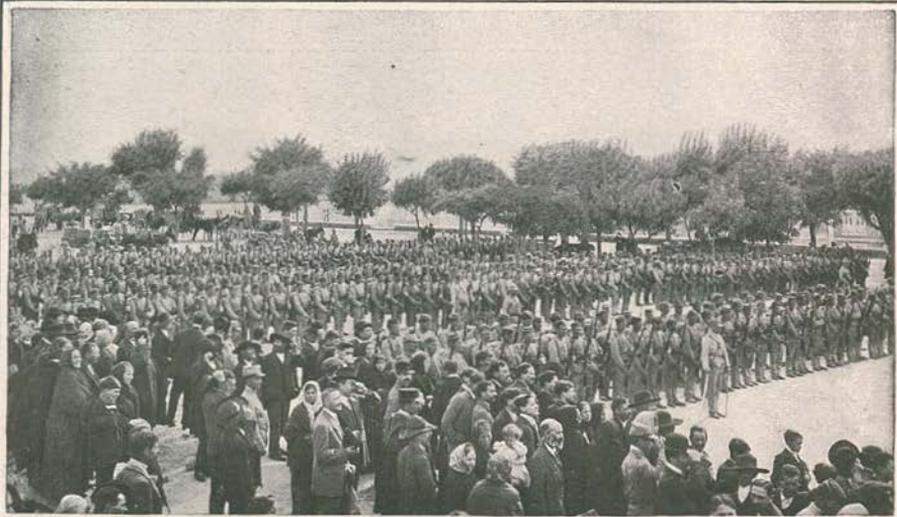
## Escolas de Repetição: na Guarda

O tenente coronel Coelho, que é um distintíssimo oficial da sua arma e que mesmo quando afastado do exercito, em virtude da parte que tomou na revolta do Porto, jámais deixou de se preocu-

par com assuntos militares comandou agora superiormente as metralhadoras nos exercicios da Guarda onde se realizou a concentração de varios regimentos em escolas de repetição.



Officiaes do grupo 2 de metralhadoras que tomaram parte nas escolas de repetição tendo como comandante o tenente-coronel Coelho (ex-tenente Coelho da revolta de 31 de janeiro)



Infantaria 12 e o grupo de metralhadoras formados no campo da Boa Vi-ta depois das manobras  
(Cliché Aires, da Guarda)

## A Festa no Sporting Club de Cascaes

mo dos Estoris. Cascaes hoje alberga um grande numero de familias distinctissimas que ali passam todo o ano e foram essas que se reuniram no vasto e magnifico recinto do jogo animadamente a seguirem as fases dos exercicios nos quaes



O Sporting Club de Cascaes teve ha dias uma animação tão grande que parecia ter voltado aos tempos das suas festas inolvidaveis.

Tratava-se d'uma reunião preparatoria para o torneio de «tennis» de Portugal e ali concorreu toda a sociedade elegante da villa assim co-



reuniram-se a mesma seleta concorrencia, a mesma elegante sociedade que esteve no Sporting Club de Cascaes assistindo ao torneio, evocando os belos dias passados n'aquella fidalga agremiação nas epochas balneares que fizeram as delicias da povoação.



1. Mademoiselle Diogo da Silva Reis Torgal, sr.<sup>a</sup> D. Izabel d'Ortigão Ramos o o sr. Carlos Figueira.  
2. Sr.<sup>a</sup> D. Adelaide Casilho.—3. Conselheiro Campos Henriques, sr. José Monteiro d'Albarraria, sr.<sup>a</sup> D. Cristina Craveiro Lopes e Madama Schroeter Pites Sommer.

tomaram parte gentilissimas tenistas que foram muito applaudidas pela dextreza e habilidade com que se defrontaram n'esse aristocratico desporte.

Naturalmente Cascaes vaee despartar com a proxima estação balnear.

Muitas outras familias da alta sociedade se instalarão na villa e as festas que se iniciaram tão brilhantemente, continuarão a



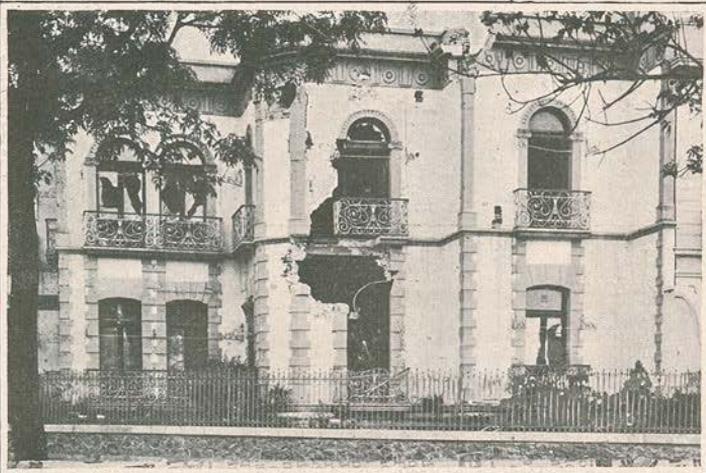
4. Sr.<sup>a</sup> D. Cristina Craveiro Lopes e sua filha — 5. Sr.<sup>a</sup> D. Maria-Thompson e D. Natalia Reis Torgal.

# A REVOLUÇÃO NO MEXICO

Novamente o Mexico se envolveu n'uma luta fratricida. A revolução de fevereiro fôra uma hecatombe e esta é o seu eco. Durante dez dias e dez noites, então, a artilharia, a fuzilaria e a metralha reboaram na cidade matando e destruindo, fazendo lavrar o mais justificado pânico.

Todos os dias os telegramas falam dos generaes e dos cabecilhas hoje vitoriosos, amanhã derrotados, dos ex-presidentes que como o velho Porphirio Diaz vive no exilio, que como Madero sofreram peor sorte; que á semelhança de Huerta se vêem na colisão d'aguentar as complicações internas e externas como a do «ultimatum» aos Estados Unidos e de que o ministro Urrutia — agora demitido — foi o autor. Zapata, que teve honras de heroe durante um largo tempo, e que com quinze mil homens dominou parte da região visinha da capital, encontrava-se lá pouco perto de Buenaventura, onde uma coluna comandada pelo general Vilareal

1. No Paseo de la Reforma, a avenida principal do Mexico. Depois do bombardeamento: A casa da milionaria Schesor a mais proxima da legação portuguesa.



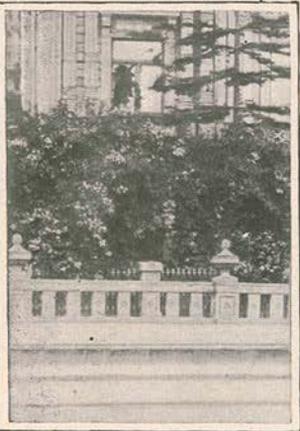
2. O general Zapata que comandou 15.000 homens e dominou Morelas e Guerrero além de parte do Estado do Mexico, proximo da capital.—3. Efeitos das granadas n'algumas residencias.

destroçara uma força de federaes. O cabecilha prometeu render-se desde que lhe garantam a vida, o que deve ser difficil entre multidões fanatisadas pela politica. Anda intranquilo esse povo de tão largas e brilhantes tradições que creou uma independencia e tem paginas heroicas na sua historia com as dos tempos de

entusiasmo em que Jarez arrastava loucamente os mexicanos contra as tropas do imperador Maximiliano que acabaria fuzilado em Queretaro. Ainda hoje n'um castelo de Trieste, uma imperatriz louca, expia a ambição do seu consorte caído ás balas dos republicanos do Mexico



Os fuzilados que foram regados com petroleo, e depois queimados



Na legação de Portugal. Uma granaia d'aço entrou pela janela e arrombou a parede do fundo da sala destruindo os moveis. Em todo o edificio não ficou uma janela inteira

que queriam governar a sua patria n'uma sentida e brava noção de independencia.

Depois da ultima revolução de fevereiro outros acontecimentos se tem dado que causam perturbações enormes na vida do paiz devastado pelos guerrilheiros. Todavia segundo os telegramas, parece que a paz vaee renascer e que em volta do general Huerta se condensa um grande nucleo de mexicanos ávidos da salvacão da sua patria.

Uma delegação de plantadores de Morenas ofereceu ao presidente tres milhões de pesos, uns 1500 contos de réis, para fazer frente aos rebeldes.

Dentro em pouco os edificios destruidos, as casas demolidas, as ruas destroçadas, os estabelecimentos incendiados, quando dos ultimos acontecimentos, voltarão á sua primitiva forma e ganharão a sua antiga calma e o Mexico reentrará sem duvida no caminho da pros-



Depois de dez dias de tiroteio. Destroços



Residencia particular do presidente Madero que foi bombardeada e incendiada

peridade. Só os montões de fusilados, que foram incinerados ficarão nas memorias dos parentes a evocarem essas horas das lutas que de resto parecem fazer parte das republicas da America á exceção dos Estados Unidos do Brazil, e da Argentina sempre a desenvolverem se na paz.

# Figuras e Factos



1. Sr. José da Silva Pereira, telegrafista, falecido em Lisboa.—2. Sr. João Correia Morgado Rego, solicitador encartado falecido em Fátima.—3. Sr. Pedro Duarte Guimarães, comerciante, falecido em Lisboa.—4. Sr. D. Adelaide d'Oliveira Pedroso, falecida em S. Cavem.—5. O capitão de fragata sr. Julio Talento, falecido em Lisboa.—6. 1.º tenente Antonio Januario da Silva, falecido em Lisboa.—7. Sr. Abel Marques Pedroso, farmacêutico, falecido em Setúbal.—8. Sr. Antonio M. Teixeira, piloto falecido em Lisboa.—9. Sr. Hipolito Machado, proprietário, falecido em Forno d'Algodros.—10. Sr. Augusto J. Martins, falecido em Bemfica.—11. Sr. Viriato Taden, falecido em Coimbra.—12. dr. Evaristo Cutileiro, falecido na Covilhã

Devido aos esforços gigantescos dos srs. José M. Ferreira, Tirso A. dos Santos e J. I. Cardoso Guimarães, esta grande agrediação conseguiu firmar a sua existência com o conhecido êxito.

A direcção que terminou agora o seu mandato, e que era composta dos srs. C. de Moraes, Francis-



No anniversario do Sport Club de Inhambane:

1 Srs. J. Manuel Ferreira; 2. Schmutz; 1.º e 2.º teams do Club d'Inhambane; 3. José dos Santos; 4. Vitorino Garcez; 5. Joaquim Gonçalves; 6. J. Correia de Moraes; 7. Simão Barata; 8. Brandt; 9. Eduardo Pimenta; 10. Adelino de Lima; 11. Manuel da Silva; 12. Souza; 13. Tachaner; 14. Simões Rodrigues; 15. J. Madruga; 16. Nigg; 17. Luiz Pinto; 18. Francisco Generoso; 19. Joaquim Costa; 20. Antero Pinto; 21. Martins da Cunha; 22. Raul Flores.

co A. de Simões Rodrigues, José M. Ferreira, V. Garcez, Antero C. Pinto e Adelino de Lima, deveu o Club, grandes melhoramentos materiaes, e aparelhos de sport que hoje chamam a sua sala a a melhor elite da sociedade d'Inhambane. O teatro tem merecido muito a atenção da direcção.



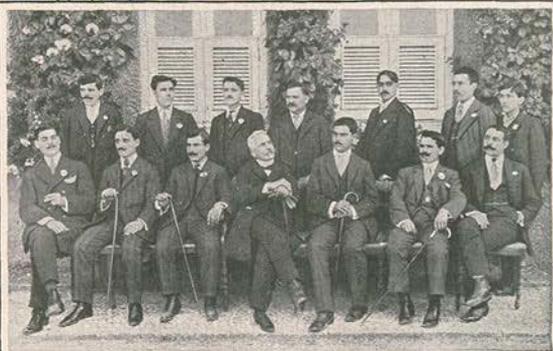
14. 2.º Team do Sport Club d'Inhambane. 1. Srs. José dos Santos; 2. Schmutz; 3. Nigg; 4. Brandt; 5. J. Moraes; 6. Martins da Cunha; 7. Madruga; 8. Tachaner; 9. Adelino de Lima; 10. Simão Barata; 11. Joaquim Costa; 12. Raul Flores.

15. 1.º Team do Sport Club de Inhambane: srs. 1. Joaquim Gonçalves; 2. Souza; 3. Francisco Generoso; 4. Vitorino Garcez; 5. Luiz Pinto; 6. José dos Santos; 7. Eduardo Pimenta; 8. José Miguel Ferreira, capitain; 9. Manuel da Silva; 10. Simões Rodrigues; 11. Antero Carlos Pinto.—(Clichs do sr. J. C. Moraes)

Teem-se realizado ultimamente algumas interessantes exposições de pomologia destacando-se entre elas a do sr. Moreira da Silva que apresentou magníficos exemplares de diversas frutas.



O sr. Carl Singlemann tem prestado a Portugal verdadeiros serviços como seu representante interessando-se pelas nossas colonias sobre as quaes publicou alguns estudos importantes.



1. Sr. Moreira da Silva, que realizou a exposição de pomologia.—2. Sr. Carl Singlemann consul de Portugal em Brunswick, Alemanha, notavel escritor colonial e socio correspondente da Sociedade de Geographia de Lisboa.

4.—Os alunos do 1.º ano do Curso Noturno da Escola Machado de Castro com o seu professor sr. J. Cristiano da Silva.

(Clichs de Benoliel)

3. Aspêto da exposição de pomologia na Sociedade Nacional d'Agricultura.



O escultor portuguez sr. Luiz Esteves de Carvalho no seu atelier do Rio de Janeiro onde entre outros trabalhos tem a esculptura da estatua do monumento ao barão de Rio Branco, a que concorreu com diversos artistas brazileiros italianos e francezes.

# FIGURAS E FACTOS



Os 84 alunos da Sociedade Promotora de Educação Popular d'Alcantara dos 45 que fizeram exames de 1.º e 2.º grau e que foram lecionados pelo distinto professor sr. Evaristo da Figueiredo



Sr. Frederico Braga Paixão, aluno do 7.º ano do liceu Pedro Nunes, falecido em Lisboa



Sr. Benjamin Fonseca, estudante da Universidade de Coimbra, recentemente falecido



Um aspeto do jogo

Realisou-se em Ponta Delgada com verdadeiro entusiasmo um desafio de «football» entre alguns dos «sportsmens» da cidade e os marinheiros do «Almirante Reis» ten-

do este «team» perdido por 3 «goals.» Houve ainda segundo desafio que foi ganho pelo team mixto de bordo por um «penalty» e por um «corner» feitos em «goals.»



Sport nos Açores: Os grupos de foot-ball (Cliché do distinto fotografo amador sr. Antonio Moniz Vargas)

# COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO

Sociedade anónima respons. limitada

**CAPITAL:**

Ações.....	300.000\$000
Obrigações.....	325.000\$000
Fundação de reserva e amortização.....	300.000\$000
Reserva.....	250.310\$000

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marialva e Sobrerinho (Tomar), Penedo e Casal de Hermio (Louzã), Vale Maior (Abergaria-a-Velha). Instaladas para uma produção anual de seis milhões de kilos de papel e dispo-ndo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em depósito grande variedade de papeis de escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomen-das para fabricações especiais de qual-quer qualidade de papel de maquina continua ou redonda e de forma. For-nece papel aos mais importantes jor-naes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais im-portantes companhias e empresas na-cionaes.

Escritorios e depósitos:  
**LISBOA—270, Rua da Princeza, 276**  
**PORTO—49, Rua de Passos Manuel, 51**  
 Endereço telegraphico em Lisboa e Porto:  
**COMPANHIA DO PRADO.** Numero telephnico: Lis-boa, 608 — P. 71



# A. MOURÃO & C.ª

Rua 15 Novembro

**PARÁ**

Em frente á casa FERREIRA COSTA & C.ª

ARMAZENS

DE

FAZENDAS E MIUDEZAS

VENDAS POR ATACADO

## O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE CHIROMANTE E FISIONOMISTA DA EUROPA

### Madame BROUILLARD



Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciencias, quironancias, cronologia e fisiologia e pelas applicações practicas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambrose, d'Arpenigney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanol. Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—LISBOA. Consultas a 1\$000 rs., 2\$500 e 5\$000.

Ultima invenção norte-americana LUZ A GAZOLINA

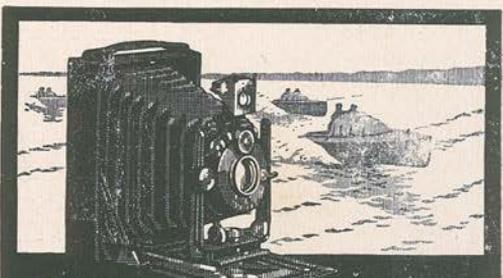


*Wipacel*



UNICA QUE ACENDE COM UM FOSFORO COMO O GAZ E TENDO UM PODER ILLUMINANTE DE 500 VELAS. APENAS CONSUME UM LITRO DE GAZOLINA EM 24 HORAS. PEDIR INFORMAÇÕES A PARAIZO, PE-REIRA & C.ª — COIMBRA

Dão-se representantes em todos os concelhos



# Goerz TENAX

Machinas cómodas e de maior precisão para todos os fins da photographia

O modelo mais moderno:

## Goerz-Taro-Tenax 9 12 cm com tenastigmatico Goerz

A venda em todas as lojas de artigos photographicos

Lista de preços gratis

Optische Anstalt **C. P. GOERZ** Aktiengesellschaft  
 Berlin-Friedenau 111  
 VIENNA    PARIS    LONDRES    NOVA JORK

Dr. Bengué, 47, Rue Blanche, Paris.



## = Para que viver?

triste, miseravel, preocupado, sem amor, sem alegrias, sem felicidade quando é tão facil obter FORTUNA, SAUDE, SORTE, AMOR, CORRESPONDENTE, GANHAR AOS JOGOS E LOTERIAS, pedindo a curiosa brochura GRATIS do professor YVALO, 35, BOULEVARD BONNE NOUVELLE—PARIS. 36

# PNEU GOODRICH

É O PREFERIDO PELO

VERDADEIRO SPORTSMAN

TODOS OS  
AUTOMOBILISTAS QUE  
TEEM EXPERIMENTADO

**PNEU GOODRICH**

NÃO QUEREM  
MAIS OUTRA MARCHA PORQUE A SUA  
QUALIDADE  
JUSTIFICA A SUA DEVISA  
SUPERIOR  
AO  
MELHOR

A' venda

Castanheira, Lima & Rugeroni, L.<sup>da</sup>, Rocio-LISBOA

LAURENCEL & OLIVEIRA, R. Andrade Corvo-LISBOA  
ROMARIZ, ABRANCHES & PISTACCHINI, Rua Santa  
Marta-LISBOA  
MAGALHÃES & MONIZ L.<sup>da</sup>, Largo dos Loios, 11-  
PORTO  
ANTONIO FERNANDES & FILHOS-COIMBRA

SIMÕES & FLORIVAL - EVORA  
ZENHA & C.<sup>a</sup> - BRAGA  
JOSÉ MARIA DIONIZIO JUNIOR - VIZEU  
AUTO GARAGE GOUVEENSE - GOUVEIA  
AUTO GARAGE - COVILHÃ  
JOAQUIM MANUEL PICÃO FERNANDES - ELVAS

AGENCIA GERAL DOS PNEUS GOODRICH, Largo de S. Carlos, 5 e 6-LISBOA